

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ENTRE RIMAS E BATIDAS:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O RAP COMO MÉTODO DE ENSINO DE  
HISTÓRIA E DE REPRESENTATIVIDADE EM CAMPINA GRANDE – PB (2017-  
2023)**

**HUAN NÓBREGA CRUZ DA SILVA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
NOVEMBRO/2023**

**ENTRE RIMAS E BATIDAS:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O RAP COMO MÉTODO DE ENSINO DE  
HISTÓRIA E DE REPRESENTATIVIDADE EM CAMPINA GRANDE – PB (2017-  
2023)**

HUAN NÓBREGA CRUZ DA SILVA

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a):

PROF. DRA. REGINA COELLI GOMES NASCIMENTO

Campina Grande – PB

2023

HUAN NÓBREGA CRUZ DA SILVA

**ENTRE RIMAS E BATIDAS:  
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O RAP COMO MÉTODO DE ENSINO DE  
HISTÓRIA E DE REPRESENTATIVIDADE EM CAMPINA GRANDE – PB (2017-  
2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado em \_\_/\_\_/\_\_ com o conceito \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

Examinador (a)

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho inicialmente a minha base familiar, meu pai Olanêdes Guedes da Silva e a minha mãe Edileusa Nóbrega Cruz da Silva. Pai, obrigado por todo seu esforço, por todos os seus conselhos, por nunca ter faltado nada, o senhor é minha maior inspiração e eu gostaria de ser para um futuro filho (a) o que senhor foi para mim nestes 26 anos de existência, meu sincero obrigado! Mesmo sem conseguir expressar bem, deixo aqui registrado o meu sincero “Eu te amo”. Mãe, peço perdão por ser uma pessoa tão complicada às vezes, muito obrigado por ter me criado com todo o carinho do mundo, por sempre lutar por mim e sempre se preocupar sobre como eu estou. Assim como para o meu pai, deixo aqui registrado o meu mais profundo “Eu te amo”.

Dedico este trabalho aos meus grandes amigos que me acompanharam por mais de uma década, meu sincero obrigado a Thamyrys Brandão, Vinícius Moraes, Ariane Guimarães, Arley Albuquerque, Arlon Albuquerque, Igor Farias de Lima e por último, mas não menos importante a Larissa Patrício Alves. Vocês me mostraram o verdadeiro significado da palavra amizade, diante deste mundo gigante e que às vezes pode parecer amedrontador.

Dedico este trabalho também a todos aqueles que me acompanharam na academia até o fim deste ciclo, à Filipe Alves meu grande camarada de turma e que dividiu comigo grandes reflexões sobre a academia e sobre a vida, à Ebonny Marques por todas as risadas que me foram tiradas durante estes períodos, por todos os momentos de descontração no Centro Acadêmico, por nossas conversas sobre alegrias e anseios, nossas partidas em jogos de mesa, assim como à Raylla Felix por também me arrancar sinceras risadas, ao querido Pedro Santos que me acolheu em várias disciplinas, rapaz de alma e coração enorme, à Luísa Mendonça que me incentivou e me acolheu nesta fase de conclusão, sempre me dando apoio para seguir em frente, assim como a Elísia Gomes que dividiu aflições e alegrias em relação a academia e à Renata Cavalcante que conheci já perto da minha reta final do curso mas que dividiu algumas horas de descontração comigo seja em filmes, em séries, em jogos de mesa ou em conversas, os momentos compartilhados com vocês serviram muitas vezes como terapia para alguns dias complicados, torço genuinamente para a vitória e bem estar de todos. Meu sincero obrigado!

Por fim, dedico este trabalho a todos aqueles que fazem parte do movimento Hip Hop e em especial aos meus amigos das “ruas”. Este trabalho é dedicado ao

Carlismar Silva, ao Ítalo Amarante, ao Matheus Felix, ao Pedro Menezes, ao Eraldo Araújo e ao meu grande amigo que está comigo desde o início e que sem ele e sem o seu amor a cultura Hip Hop este trabalho não poderia ser realizado, Eros Silva Nascimento também conhecido como "Mano Horas". A todos vocês que fazem parte desta cultura, muito obrigado!

*Este é o caos, este é o mundo que você convive hoje, século XXI, com a geração do século XXI. O que você vai fazer para mudar: Cruzar os braços e reclamar ou você vai ser a revolução em pessoa? Acredite em você rapaz, procure a sua que eu vou atrás da minha Fórmula Mágica da Paz!*

**(Mano Brown)**

## RESUMO

O presente trabalho é fruto de um relato da minha experiência enquanto graduando em História e como participante ativo da cultura Hip Hop em Campina Grande entre os anos de 2017 à 2023. Busco através deste trabalho analisar a utilização do rap como método de ensino de História na sala de aula através da minha experiência com o projeto Hip Hop nas Escolas – projeto idealizado pela Batalha do Prado – e da minha experiência de estágio realizada na Escola Cidadã Integral Solon de Lucena em Campina Grande. O projeto da Batalha do Prado tem como objetivo promover a cultura Hip Hop dentro das escolas e trabalhar a representatividade negra através das músicas. Para a realização deste trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica e a abordagem qualitativa para a compreensão do processo de pesquisa e discussão da aula sobre representatividade negra e sobre a História do povo negro através das letras de rap, em que foram utilizados os autores Paulo Freire (1968), Silvio Almeida (2019) e Roberto Carmagos (2015).

**Palavras-chave:** Rap, Educação, Movimento Hip Hop, Campina Grande, Representatividade Negra.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Captura de tela do programa Raidcall	15
Imagem 2 – Registro da Batalha do Prado	16
Imagem 3 – Registro na E.E.E.F.M. Sen. Argemiro de Figueiredo	18
Imagem 4 – Registro da visita à ECIT – José Braz do Rêgo	26
Imagem 5 – Registro da vista à ECI Monte Carmelo	27
Imagem 6 – Dinâmica de batalha de rimas entre as crianças do Grupo Escolar Santo Antônio	28
Imagem 7 – Momento de explicação sobre a história do movimento Hip Hop	29
Imagem 8 – Registro da batalha de rima entre os alunos da Escola Aplicação	31
Imagem 9 – A poetisa Babina declamando o seu Slam	31
Imagem 10 – Escola Cidadã Integral Solon de Lucena	32
Imagem 11 – Registro com a turma Segundo Ano “A” da ECI Solon de Lucena	42



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

DJ – Disco Jôquei

DVD – Digital Versatile Disc

ECI – Escola Cidadã Integral

ECIT – Escolas Cidadãs Integrais Técnicas

EEEFM – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

EEEF – Escola Estadual de Ensino Fundamental

ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio

FLIC – Feira Literária de Campina Grande

MC – Mestre de Cerimônia

RAP – Rhyme and Poetry

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – DA SALA DE AULA PARA AS BATALHAS DE RIMAS EM CAMPINA GRANDE – PARAÍBA (2002 A 2017).....	13
CAPÍTULO 2 - DAS ESQUINAS AOS PALCOS: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO HIP HOP NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E NO BRASIL.....	20
CAPÍTULO 3 - HIP HOP NAS ESCOLAS: O RAP COMO MÉTODO DE ENSINO DE HISTÓRIA E COMO FORMA DE REPRESENTATIVIDADE NEGRA.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

## INTRODUÇÃO

A partir dos anos 1970, com a terceira geração dos *Analles*, a história passa por uma transformação na sua maneira de ser compreendida e também de ser escrita. Esta transformação abre novos horizontes para o modo em que trabalhamos a história e principalmente a possibilidade de trabalharmos com novas fontes historiográficas para além das documentações oficiais. Além disso, este novo meio de pensar a história nos permite utilizar da interdisciplinaridade para que possamos ter uma abordagem da fonte de forma mais ampla, como bem explicita Le Goff:

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um polén fóssil, uma ferramenta, um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem. (LE GOFF, 1990, p. 28)

Diante de tantas possibilidades, torna-se não somente possível estudar a história a partir de novas perspectivas como também ensiná-la. No presente trabalho, resolvi produzir uma escrita de si que dialoga com a experiência obtida através do projeto “Hip Hop nas Escolas” – projeto idealizado pela Batalha do Prado<sup>1</sup> – e com a experiência obtida através do estágio da disciplina de Prática de Ensino de História na Escola de 1º e 2º Graus<sup>2</sup>. Neste trabalho destaco a utilização de uma nova fonte – as letras de rap<sup>3</sup> – como método de construção de conhecimento em sala de aula.

A decisão de utilizar estas fontes veio a partir do meu frequente contato com o movimento cultural Hip Hop e da percepção das letras de rap como fonte de aprendizado em relação diferentes temas abordados nas composições, como as diferenças sociais presentes no Brasil, o racismo, a cultura africana, o machismo, a homofobia, etc.

---

<sup>1</sup> Batalha de rima realizada no bairro do Catolé em Campina Grande, Paraíba.

<sup>2</sup> Disciplina que compõe a antiga grade curricular do curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus I.

<sup>3</sup> RAP significa Rhythm and Poetry, música derivada da junção de dois elementos presentes na cultura Hip Hop.

Nas visitas às escolas, busco trabalhar um pouco da cultura de rua, falo juntamente com os organizadores e outros MCs<sup>4</sup>, sobre as batalhas de rimas, sobre os Slams<sup>5</sup> e sobre representatividade negra através das letras de rap. Além das visitas às escolas, também buscarei analisar uma experiência ocorrida na Escola Cidadã Integral Solon de Lucena<sup>6</sup> em que foram utilizadas duas letras específicas para trabalhar o racismo e a representatividade negra na sala de aula, as letras específicas se tratam da música “Pedagoginga” do rapper Thiago Elniño em participação com o rapper Sant e a música “Negro Drama” do grupo Racionais MCs. Ao analisar as letras de rap, pode-se constatar que o rap vai além de um meio de entretenimento pois suas letras contém um teor de denúncia sobre a sociedade em que o compositor está inserido e que reflete também na realidade de outras pessoas.

Com este trabalho busco contribuir para futuros estudos acadêmicos relacionados ao movimento cultural Hip Hop em Campina Grande, visto que atualmente há uma lacuna referente aos estudos sobre o movimento na academia. As experiências educacionais e os relatos aqui presentes, poderão dar início a uma série de estudos referentes ao movimento cultural que foi abordado.

Como fontes a serem utilizadas, trago meus arquivos pessoais, fotografias referentes às visitas realizadas nas escolas como também o acervo digital da Batalha do Prado. As fotografias se tornam materiais de suma importância para o historiador, visto que elas não são mais entendidas como um material meramente ilustrativo, mas que carrega em si uma diversidade de possibilidades de interpretação a serem trabalhadas.

Utilizar as fontes fotográficas para a pesquisa histórica, portanto, significa inicialmente entender que tamanha diversidade de usos gerou arquivos e coleções que podem ser encontrados não somente em instituições de guarda (arquivos, museus, bibliotecas etc.), mas também nos seus locais de origem de produção ou no final do caminho de sua circulação. É necessário ainda deixar claro que tais circuitos precisam ser compreendidos de modo que a fotografia não seja descolada de seus contextos de produção, circulação, consumo, descarte e institucionalização. O contexto da imagem fotográfica não é seu conteúdo, mas o modo de apropriação da imagem como artefato. (PINSKY, C. B.; LUCA, T. R., 2009, p. 34-35)

---

<sup>4</sup> MC vem do inglês e significa “Master of Ceremonies”, Mestre de Cerimônias em português.

<sup>5</sup> Batalha de poesia que pode ocorrer antes, na transição de fases ou no final da batalha de rimas. Os participantes necessitam declamar suas poesias em um determinado tempo cronometrado e estão sujeitos à nota dos jurados.

<sup>6</sup> R. Prof. Ernane Lauritzen, S/N – Centro, Campina Grande – PB, 58400-133.

Esta pesquisa é constituída em forma de relato de experiência, sendo dividida em três capítulos. Em um primeiro momento irei utilizar a escrita de si, partindo das minhas experiências escolares como aluno até o momento da vida em que entro no curso de História e contando um pouco sobre a minha inserção no movimento cultural campinense.

No segundo capítulo irei abordar sobre como se deu, brevemente, o movimento Hip Hop no Brasil e em Campina Grande. Para este momento será utilizado os trabalhos de Rocha; Domenich; Casseano (2001), Fochi (2007) e Alves (2008) para situarmos o movimento.

O terceiro capítulo irá abordar as visitas às escolas, a experiência em sala de aula através da disciplina de Prática do Ensino de História na Escola de 1º e 2º Graus e as atividades realizadas durante estes encontros. Para isso haverá o diálogo com os autores Paulo Freire (1968), Silvio Almeida (2019) e Roberto Camargos (2015).

## **CAPÍTULO 1. DA SALA DE AULA PARA AS BATALHAS DE RIMAS EM CAMPINA GRANDE – PARAÍBA (2002 A 2017)**

### **1.1 Ensino Fundamental e os primeiros contatos com o rap**

Minha trajetória começa na própria Universidade Federal de Campina Grande, como o meu pai é funcionário da Universidade, pude ser incluído como aluno da Unidade de Educação Infantil (UEI) que se localiza próximo ao atual prédio do Centro de Humanidades. Na turma em que fui inserido fiz alguns amigos que permaneceram comigo até à quarta série, atual quinto ano do Ensino Fundamental, na Escola Pequeno Príncipe<sup>7</sup> que era localizada no Bairro Prata em Campina Grande.

Meu primeiro contato marcante com a História foi através de uma palestra ministrada pelo professor Luciano Mendonça na Escola Pequeno Príncipe, nesta mesma época fui marcado também com o contato de forma mais frequente com a música, especificamente com uma banda chamada Linkin Park<sup>8</sup>, uma banda de Rock que misturava em seus ritmos o Nu Metal, o Rap Rock e o Rap Metal. O contato com esta banda foi, de forma inconsciente, o primeiro contato com o rap, estilo musical pertencente ao movimento Hip Hop, que é um movimento cultural originado nos Estados Unidos da América.

A música sempre foi algo presente na minha vida, desde criança tive influências musicais por parte do meu pai. Aos 10 anos pedi a minha mãe um aparelho MP3 – aparelho bastante popular na época – para que eu pudesse escutar as músicas que mais me agradavam já que eu sempre escutava as que o meu pai gostava e não tive a oportunidade de explorar meus gostos, a partir deste momento eu entrei na fase de escutar bandas internacionais.

Ainda aos 10 anos, meu primo que era um ano mais velho que eu, me apresentou a música “Capítulo 4, Versículo 3” do grupo de rap nacional Racionais MCs, pois nosso tio – que havia sido assassinado naquele mesmo ano no bairro Ramadinha – escutava bastante na casa dele. Este pode-se entender então como o primeiro contato com o rap nacional, fiquei totalmente impressionado com as rimas, com os palavrões contidos nas letras e com a descrição de uma história através da música. Embora tenha gostado da música, eu tinha receio de que meu pai me

---

<sup>7</sup> Atualmente a escola não existe mais, foi desativada no ano de 2015. Atualmente no local funciona a Escola Pingo de Mel.

<sup>8</sup> Banda norte-americana de rock alternativo.

castigasse por escutar músicas com tantos palavrões e o rap ficou como segundo gosto preferido até os meus 14 anos de idade.

Em 2008, eu tive que mudar de escola – pois a escola Pequeno Príncipe se delimitava aos anos iniciais do Ensino Fundamental – sendo matriculado no Colégio Alfredo Dantas<sup>9</sup>, onde estudei boa parte da minha vida. No Colégio Alfredo Dantas, notei que dentro da sala de aula eu era um dos poucos alunos negros que ali estava, o que me fez ter uma amizade mais forte com outro aluno negro que também se sentia deslocado dentro da sala de aula. Aos 13 anos de idade, eu e meu colega de sala começamos a compartilhar um pouco mais dos nossos gostos musicais e dentre eles estava o rap, que a partir deste momento se torna bem mais presente na minha vida.

## **1.2 Ensino Médio e a minha imersão no gênero musical do Hip Hop**

No Ensino Médio, já com os 16 anos de idade, alguns fatores contribuíram para que eu pudesse ficar mais próximo da cultura Hip Hop. Dentre estes fatores, um dos principais foi a percepção de mundo através das aulas de História e de Sociologia, visto que a partir das aulas eu comecei a compreender o mundo de uma outra forma e o analisando de um modo mais crítico, lembro bem das aulas sobre “Mais Valia” na disciplina de Sociologia e de como este assunto ficou bastante vivo nas minhas análises pessoais sobre as relações de trabalho.

Outro fator importante foi o contato com as Batalhas de MCs através do canal de YouTube chamado Indie BH<sup>10</sup> e do canal Família de Rua<sup>11</sup>, o contato se deu a partir de um amigo de infância, o Arley Albuquerque, que assistia as batalhas com frequência em 2013. Ao ter contato com este canal, eu comecei a ficar imerso no mundo das Batalhas de MCs e conheci novos artistas de rap através das inúmeras Batalhas disponíveis na plataforma YouTube.

As Batalhas de MCs consistem numa batalha de rimas entre duas pessoas e conta com várias modalidades. A batalha pode ser realizada no modelo “Tradicional” que consiste em duas etapas. A primeira consiste em 45 segundos de “ataque” do primeiro MC seguido de 45 segundos de resposta do MC oponente. Após a resposta, o oponente volta com 45 segundos de ataque e o primeiro MC retorna com 45

---

<sup>9</sup> Rua Marquês do Herval, 39 - Centro, Campina Grande - PB, 58400-087

<sup>10</sup> Canal do YouTube voltado para a divulgação da música independente de Minas Gerais e do Brasil.

<sup>11</sup> Família de Rua é um canal voltado a cultura de rua. A Família de Rua é também o projeto que organiza a competição de maior renome da Batalha de MCs do Brasil, o Duelo Nacional de MCs.

segundos de resposta. As rimas devem ser improvisadas, os MCs podem desenvolver qualquer tema dentro da batalha e serão avaliados por dois jurados que são selecionados no dia da batalha. Um terceiro voto é considerado através da plateia que observa a batalha. Caso haja empate nos votos, mais uma etapa é realizada conhecida como “terceiro round” para o desempate.

Outra modalidade das batalhas de rimas são os “Bate e Volta”. Nesta modalidade os MCs passam por duas etapas e elas consistem em versos curtos de ataque e resposta. O primeiro MC constrói quatro versos de ataque e o oponente constrói quatro versos de resposta, após estes primeiros versos os MCs passam a construir apenas dois versos de ataque ou resposta. Assim como na modalidade tradicional, os temas são livres e há a participação de dois jurados e da plateia. Em caso de empate, a terceira etapa é realizada para decidir o vencedor.

Uma terceira modalidade da batalha de rima é a “Batalha do Conhecimento”. Nesta modalidade, os MCs precisam improvisar com os temas disponíveis em um quadro ou numa tela. A Batalha do Conhecimento é realizada seguindo o formato do modelo Tradicional, serão avaliados pelos jurados e pela plateia os critérios de criatividade, habilidades de improviso, impacto das rimas de ataque e de resposta e o “flow”<sup>12</sup>.

Após um tempo assistindo as Batalhas de MCs, o mesmo amigo que me apresentou os canais do YouTube também me apresentou alguns canais de voz presentes no programa Raidcall<sup>13</sup> (Imagem 1) - que além da funcionalidade de comunicação entre pessoas durante partidas de jogos online, também contava com um sistema de karaokê, permitindo o usuário mixar a voz do microfone com alguma música instrumental presente no computador e dentre eles estava o canal Conexão do Rap.

O canal Conexão do Rap tinha como principal objetivo a realização de Batalhas de MCs online, reunindo usuários de todo o Brasil e promovendo eventos semanalmente para os usuários, contando com salas de treinamento para os iniciantes em rimas, salas de treinamento para os mais avançados e salas voltadas para as batalhas individuais entre os usuários.

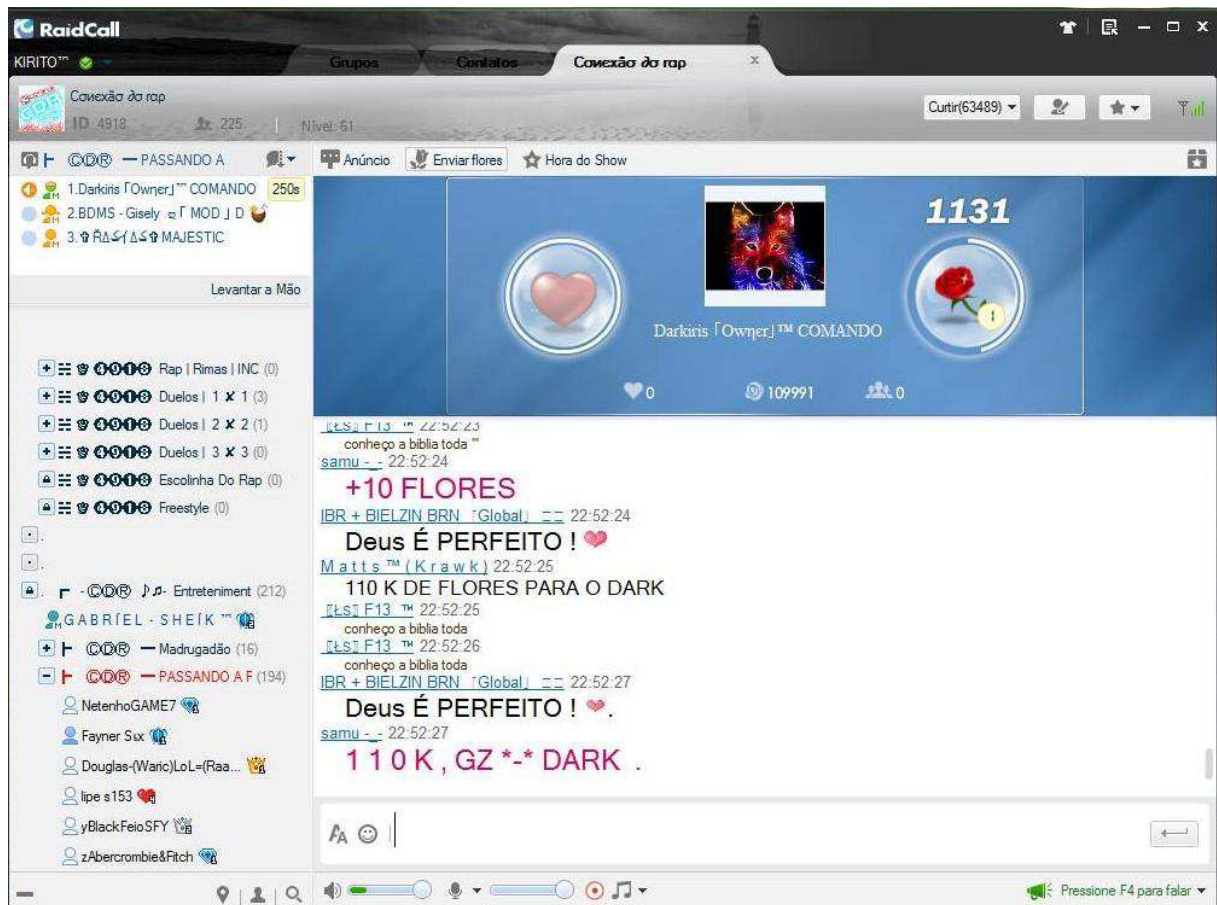
---

<sup>12</sup> Flow vem do inglês e significa “Fluir”. Se refere ao modo em que o MC consegue rimar de forma rítmica dentro do instrumental. No Brasil o Flow também pode ser chamado de “Levada”.

<sup>13</sup> Programa de computador voltado para a comunicação de voz entre os usuários, o programa era bastante popular entre as pessoas que queriam se comunicar durante os jogos online. O programa encerrou suas atividades em 2016.



Imagem 1 – Captura de tela do programa Raidcall



Fonte: Arquivo Pessoal

Ao ter contato com o programa, comecei a me interessar pelas batalhas de rima ainda mais e desenvolvi a habilidade de fazer rimas de improviso. As batalhas, além de um entretenimento, requerem também um estudo sobre diversos temas para que o MC possa desenvolver qualquer tipo de assunto dentro das batalhas de rima, diante disto eu comecei a estudar mais sobre o gênero musical rap e busquei entender mais sobre as críticas presentes nas letras, visto que os MCs abordam diversos temas como racismo, desigualdade social, homofobia, machismo, a influência do capitalismo nas nossas vidas, etc.

Em 2016, o programa Raidcall encerrou suas atividades e alguns dos usuários do programa buscaram outro meio de comunicação para poder dar continuidade as batalhas de rimas online, já outros usuários buscaram por batalhas de rimas presenciais em suas cidades e seguiram contribuindo com a cultura de forma presencial. Assim como os usuários que buscaram pelas batalhas de rimas e pelo

movimento Hip Hop na sua cidade, eu também procurei me inserir no movimento cultural da minha cidade, Campina Grande.

### **1.3 O Ensino Superior e a minha inserção no movimento Hip Hop de Campina Grande**

No final do ano de 2016, busquei por artistas locais que faziam parte do movimento cultural de Campina Grande e conheci artistas como Yoshida<sup>14</sup>, SweetCrack<sup>15</sup>, Lay Luz<sup>16</sup> e DJ Joh<sup>17</sup> em um evento ocorrido no centro de Campina Grande. Em 2017 com os resultados do ENEM, selecionei as minhas notas para História na Universidade Estadual da Paraíba e na Universidade Federal de Campina Grande, sendo aprovado em ambas Universidades e optando pela UFCG. A Universidade Estadual da Paraíba iria demorar a começar as aulas devido a algumas greves que ocorriam naquele ano, o que me fez optar pela Universidade Federal de Campina Grande.

No mesmo ano, algumas batalhas de rima aconteceram no centro da cidade – localizadas no Açude Novo – com o destaque para duas, a Batalha da Compostela organizada pelo rapper Yoshida e pela rapper Lay Luz e a Batalha do Obelisco que retornou como 7ª edição organizada pelos rappers Z-Nok<sup>18</sup>, SweetCrack e L7<sup>19</sup>. Além do retorno da Batalha do Obelisco, em 2017 outra batalha de rimas surgiu organizada inicialmente pelo rapper L7 no bairro do Catolé em Campina Grande, a Batalha do Prado (Imagem 2).

---

<sup>14</sup> Não possuo o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

<sup>15</sup> Não possuo o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

<sup>16</sup> Nome artístico da cantora e compositora Rislayne de Araújo Silva

<sup>17</sup> Nome artístico de Thiago Alcântara Henriques

<sup>18</sup> Não possuo o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

<sup>19</sup> Nome artístico do cantor e compositor Livingston Borges

## Imagem 2 – Registro da Batalha do Prado



Fonte: Instagram Oficial da Batalha do Prado

A minha entrada na Universidade muito contribuiu para o meu desenvolvimento como MC de batalhas, pois a carga de leitura contribuiu significativamente para o aumento do meu vocabulário e o estudo de História contribuiu para desenvolver de uma melhor maneira os temas dentro das batalhas de rima, o que me levou a ganhar um certo destaque na cena cultural de Hip Hop em Campina Grande.

A Universidade e sua pluralidade de conhecimentos, junto a habilidade de fazer rimas improvisadas, me levou à Seletiva Estadual de MCs<sup>20</sup> daquele ano, sendo um dos semifinalistas da Seletiva Estadual que iria decidir qual MC iria representar o estado da Paraíba na Seletiva Regional do Nordeste<sup>21</sup>. A Batalha do Obelisco era uma das mais populares entre as batalhas realizadas em Campina Grande – principalmente por sua localização que é ao lado do terminal de integração da cidade, sendo de fácil acesso para muitos – porém por motivos internos da organização a batalha encerrou as atividades no mesmo ano.

---

<sup>20</sup> O Brasil conta com o Duelo Nacional que reúne MCs de todo país na disputa pelo título de campeão nacional. A Seletiva é um processo realizado nos estados brasileiros para determinar o representante de cada estado no Duelo Nacional.

<sup>21</sup> Em 2017, a região Nordeste fazia outro processo seletivo para selecionar aquele que iria representar a região no Duelo Nacional com cada representante selecionado pelo Estadual. Atualmente este processo não existe mais, cada representante do estado vai diretamente para o Duelo Nacional que ocorre em Belo Horizonte – MG.

Ainda em 2017, no dia 09 de setembro foi criada a Batalha do Prado. A batalha localizada na rua Curemas II, no bairro do Catolé, leva o nome de Prado pois este era o antigo nome do bairro e era organizada inicialmente pelo rapper L7. Posteriormente o Mano Horas<sup>22</sup> e o Júlio Cesar se juntaram à organização da batalha, o Mano Horas era o Mestre de Cerimônia da batalha – responsável por mediar as batalhas, cronometrar o tempo dos MCs e apresentar a batalha – o L7 controlava a caixa de som em que os instrumentais tocavam e o Júlio era responsável pela gravação das batalhas que eram postadas posteriormente no canal do YouTube da Batalha do Prado.

No dia 10 de dezembro de 2017, a Batalha do Prado introduziu a modalidade Slam sendo a primeira batalha do estado da Paraíba a introduzir esta modalidade que consiste na declamação de poesias, de própria autoria do participante, dentro de um tempo cronometrado, seguindo regras específicas e sujeita a nota de três jurados escolhidos um pouco antes da realização da modalidade.

Com o passar dos anos, surgiram novas batalhas espalhadas pela cidade – como a Batalha da Marvel e a Batalha da Vila – mas que tiveram curto prazo de duração. A Batalha do Prado se tornou reconhecida pela sua frequência assídua no cenário cultural de Campina Grande, sendo até o momento – com 5 anos de duração – a batalha com mais tempo de atividade da cidade. Durante este processo de atividade cultural, os organizadores da batalha participaram de muitos eventos ligados à cultura Hip Hop além de terem desenvolvido o projeto, a partir do primeiro convite realizado no dia 15 de junho de 2019, “Hip Hop nas Escolas” que conta com uma intervenção realizada nas escolas a partir dos participantes das batalhas e da organização.

O primeiro convite veio da E.E.E.F.M. Sen. Argemiro de Figueiredo<sup>23</sup> (Imagem 2) – também conhecida como Polivalente – no bairro do Catolé, onde foi realizada a intervenção com a minha participação, a participação de dois organizadores, o L7 e o Júlio e do MC Magno<sup>24</sup>. A partir do primeiro convite, outros convites – em sua maioria de escolas públicas – surgiram e o projeto Hip Hop nas Escolas se estendeu até 17 de setembro de 2022, ano também de encerramento das atividades da Batalha do Prado. Através deste projeto, pude obter algumas experiências que serão analisadas

---

<sup>22</sup> Nome artístico do Eros Silva Nascimento.

<sup>23</sup> Av. Dr. Elpídio de Almeida, 25 - Catolé, Campina Grande - PB, 58410-215

<sup>24</sup> Nome artístico do MC e Poeta Jonatan Magno Rodrigues Ribeiro.

no presente trabalho visto que para além da abordagem referente as batalhas nos encontros, busquei também abordar sobre representatividade negra nas intervenções ocorridas nas escolas.

### **Imagem 3 – Registro na E.E.E.F.M Sen. Argemiro de Figueiredo**



Fonte: Instagram Oficial da Batalha do Prado.

Com a minha inserção na licenciatura em História, aproveitei os momentos de intervenção para desenvolver um pouco mais sobre como as letras de rap poderiam contribuir para o ensino de História dentro da sala de aula e abordar os diversos temas com os alunos. Um dos momentos trabalhados nas intervenções é sobre a história do movimento Hip Hop, que se torna crucial para que as crianças entendam o propósito do movimento cultural e da sua importância na vida de tantas pessoas.

Ao final desta discussão, o Hip Hop se mostrou bastante presente na minha vida desde os primeiros contatos com a música até o momento da minha inserção ao movimento cultural da minha cidade. As críticas presentes nas letras me fizeram refletir ainda mais sobre as instituições em que eu estava inserido e influenciaram o meu modo de agir e o modo de pensar a sociedade, contribuindo assim para a formação de um pensamento mais crítico. Mas afinal, o que é o Hip Hop?

## **CAPÍTULO 2 – DAS ESQUINAS AOS PALCOS: UMA BREVE HISTÓRIA DO MOVIMENTO HIP HOP NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E NO BRASIL**

### **2.1 Das ruas do Bronx para o mundo, uma breve história do Hip Hop**

Hoje em dia é comum ver a associação entre o termo Hip Hop e rap como se ambos fossem a mesma coisa, o que não é verídico. O conceito do que é Hip Hop surge no final década de 1960 no bairro do Bronx, em Nova York. “O termo hip hop, que significa, numa tradução literal, movimentar os quadris (to hip, em inglês) e saltar (to hop), foi criado pelo DJ Afrika Bambaataa, em 1968, para nomear os encontros dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis) e MCs (mestres-de-cerimônias) nas festas de rua no bairro do Bronx, em Nova York.” (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p.17).

O Hip Hop, essencialmente, é composto por quatro elementos que se expressam tanto de forma conjunta como de forma separada, entre estes elementos está o MC, o DJ, o Breakdance<sup>25</sup> e o Grafite<sup>26</sup>. Já o rap é um gênero musical produzido da junção de dois elementos que compõe a cultura Hip Hop: o MC e o DJ. O DJ constrói novos instrumentais a partir dos samples<sup>27</sup>, através de músicas já existentes, formando assim o beat<sup>28</sup> e construindo assim novas músicas. O MC tem como objetivo animar a plateia fazendo rimas improvisadas em cima do beat que é tocado pelo DJ (OLIVEIRA, 2015, p.21).

Embora no início o rap não tratasse de forma frequente os problemas do cotidiano, a partir do final dos anos 1980 o rap começou a se politizar para começar a expor as desigualdades sociais enfrentadas pelos afro-americanos. “Se a partir do fim dos anos 1980 o rap tendeu a se politizar, particularmente no que diz respeito às várias e perversas formas da desigualdade social e racial, nos anos anteriores as letras de rap não tratavam especialmente desses temas.” (TAPERMAN, 2015, p. 27).

Um dos principais marcos do protesto presente nas letras de rap, se deu através da música “The Message” do grupo Grandmaster Flash & The Furious Five que relatava a realidade de alguns moradores do Bronx, em Nova York.

---

<sup>25</sup> Breakdance é um estilo de dança urbana criada pelos afro-americanos na década de 1970, aquele que dança o Breakdance é chamado (a) de B-Boy/B-Girl.

<sup>26</sup> Grafite é um tipo de arte urbana que se caracteriza pela produção da arte em locais públicos

<sup>27</sup> Sample vem do inglês e significa “amostra”. Sem condições para a criação da própria música com instrumentos, os DJs costumavam usar dois discos com batidas de outras músicas para criar pequenos loops de bateria, esses pequenos loops eram uma “amostra” (sample) das músicas originais.

<sup>28</sup> Beat vem do inglês e significa “batida”. Refere-se ao instrumental tocado pelo DJ.

Vidro quebrado por toda parte  
 As pessoas mijando na escadaria  
 Simplesmente não estão nem aí  
 Eu não aguento o cheiro  
 Eu não aguento o barulho  
 Não tenho dinheiro para me mudar  
 Eu acho que não tenho escolha  
 Ratos na sala da frente  
 Baratas na de trás  
 Um drogado no beco  
 Com um taco de beisebol  
 [...]
 É como uma selva às vezes  
 E me faz pensar  
 Como é que consigo aturar?<sup>29</sup>

A música do grupo Grandmaster Flash & The Furious Five teve grande impacto quando chegou aos ouvidos da população, criando assim um novo tipo de rap que não se detinha apenas ao festejo. O rap teve um importante papel na difusão do Hip Hop por todo os Estados Unidos da América.

No final da década, o rap se espalhava por todos os lugares com a sua nova linguagem. Em meio a isso, um grupo de excelentes DJ's veio do South Bronx. Eles competiam em dúzias de pequenos clubes, parques, ginásios e auditórios de escolas secundaristas, com milhares de jovens ouvintes e com ativos participantes. Juntos, eles criaram um rap diferente com samples, batidas e rimas. Aquele som prevalece e talvez hoje defina o mundo. (BERMAN, 2009, p. 131-132)

Os rappers agora tinham um meio de expor a sociedade os problemas vivenciados nos guetos sobre a falta de estrutura, sobre as drogas nas esquinas, sobre o racismo, sobre a violência policial, etc.

O surgimento do hip-hop está diretamente vinculado à história da música negra norte-americana e à luta por espaço e visibilidade por parte desse segmento. Os guetos de Nova York – habitados majoritariamente por uma população negra e pobre - foram o local de onde surgiram as primeiras experiências dessa cultura. De lá, o hip-hop se disseminou para outras áreas, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infra-estrutura sócio urbana. Através das letras das músicas, os grupos denunciam ou relatam tais condições adversas e, ao mesmo tempo, concedem o “direito à narrativa” aos setores socialmente marginalizados. (SOUZA, 2004, p. 69)

---

<sup>29</sup> Grandmaster Flash & The Furious Five: The Message; Sugar Hill Records, 1982

Além disso, o rap também foi visto como uma possibilidade de mudar de vida, fazendo com que muitas pessoas envolvidas com o crime pudessem sair da criminalidade e adentrar na vida musical.

## **2.2 Dos Estados Unidos à Paraíba: O Hip Hop e sua difusão no Brasil**

No Brasil, a chegada do movimento Hip Hop acontece principalmente na região sudeste do país, na década de 1980, mais especificamente em São Paulo. O início do Hip Hop no Brasil se dá a partir do mesmo elemento que deu origem ao movimento nos Estados Unidos, o break.

Percebia que algumas batidas nas músicas estavam mudando e que os clipes que chegavam ao Brasil traziam novos passos. Eu já dançava como robô, mas não sabia que isso era parte do break. Depois que descobri, foi só me aperfeiçoar”, completa Nelsão<sup>30</sup>. Ele inventava passos, girava e se contorcia todo, como alguns anos mais tarde, no começo dos anos 80, quando levou às ruas do Brasil – mais precisamente para São Paulo – o break. (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p.46).

E sua difusão por todo o Brasil se deu, também, através do rap segundo afirma Fochi (2007, p.63):

O rap também teve importante papel na difusão do hip hop no Brasil, tanto pelo conteúdo das letras, que dão sentido à sua causa, como pelo impulso modista que provocou. A cultura hip hop se difunde e fortalece por meio do rap, que no Brasil, tem o grupo Racionais MC's como pioneiro do estilo - pelo menos em grande escala, já que existiam outros grupos e rappers como Thaide, anteriormente.

Com a difusão do movimento Hip Hop pelo Brasil, várias cidades começaram a desenvolver a cultura através dos quatro elementos que compõe este movimento cultural, sendo o rap um dos mais atraentes para os jovens de periferia (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p.33). As letras com conteúdo explícito falando sobre violência, sobre armas, drogas, sexo, sobre o racismo, começaram a impactar de forma significativa os ouvintes de todas as periferias do Brasil. Além do impacto causado pelas letras, o rap também passa a ser entendido como um meio de conscientizar as pessoas.

---

<sup>30</sup> Nelson Gonçalves Campos Filhos, também conhecido como Nelson Triunfo é um dançarino de Break Dance, músico e ativista social brasileiro.



“No Brasil o hip hop cresce e amplia seu sentido como cultura, como arte, mas uma arte carregada de sentido, uma cultura vinculada à contestação, manifestação de inconformismo. Ele se fortalece com a ampliação das posses, cujo papel principal é educar e conscientizar seus integrantes, despertar um espírito crítico acerca da realidade vivenciada por cada um.” (FOCHI, 2007, p.67)

No Nordeste o Hip Hop surge ainda na década de 1980 e de forma parecida ao início do movimento cultural em São Paulo, através do break. Segundo Alves (2008, p. 75):

“No Nordeste brasileiro, datam de princípios dos anos 1980 os primeiros registros de uma presença hip hopper, com a atuação dos break-boys. Desde então, eles foram se multiplicando rapidamente, sobretudo nos grandes centros urbanos. Novos e interessantes cruzamentos vêm se processando a partir do encontro do hip hop com as diversas manifestações culturais da região ao longo desses anos, seja no Piauí, em Sergipe ou no Rio Grande do Norte.”

E no que se refere ao estado da Paraíba, o pesquisador Valmir Alcântara Alves (2008, p. 77) destaca que “Na cidade João Pessoa, o movimento Hip-Hop tem seu início na década de 1980, a princípio influenciado pelo *Break-dance*”. A partir do surgimento do movimento cultural na cidade de João Pessoa, houve então um processo de ocupação dos espaços da cidade com apresentações em praças e em centros comunitários.

Em Campina Grande o movimento cultural começa a surgir na década de 1990 através dos bailes e dos grupos de Street Dance<sup>31</sup>. Assim como em outras localidades, o break aparenta ser o primeiro elemento do movimento Hip Hop a dar início na cena cultural de Campina Grande, posteriormente grafiteiros e rappers surgiram contribuindo ainda mais para o movimento cultural na cidade. Com o “boom” do rap por todo o Brasil, surge um dos rappers pioneiros em Campina Grande o Fiell<sup>32</sup> em 1996. É nesta fase em que surge os primeiros grafiteiros da cidade como o Gorpo<sup>33</sup> e o Charleston<sup>34</sup>.

No início dos anos 2000, surge o primeiro grupo de rap em Campina Grande, o Prática Ninja que era composto por Renê (Z-Nok), Manoel<sup>35</sup> e o DJ Joh e que

---

<sup>31</sup> Dança de Rua em português.

<sup>32</sup> Não possui o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

<sup>33</sup> Não possui o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

<sup>34</sup> Não possui o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

<sup>35</sup> Não possui o nome completo da pessoa citada.

posteriormente se transformaria no Projeto Binário.<sup>36</sup> Em 2007 surge o Núcleo Hip Hop Campina (NH2C) idealizado pelo DJ Joh, DJ Frequência Zero<sup>37</sup> e pelo Z-Nok (DUARTE, 2010, p.102) coletivo responsável pela criação de eventos que levava participantes que integravam os quatro elementos do Hip Hop para todas as zonas da cidade de Campina Grande. Este é o momento, segundo Leandro Silva Santos, em que o movimento Hip Hop cresce exponencialmente em Campina Grande.

Esse coletivo levou suas apresentações com os 4 elementos do hip-hop para todas as zonas da cidade, com um grande número de artistas se apresentando de forma gratuita aproximadamente 50 artistas por apresentação. A partir desse momento, o movimento hip-hop em Campina Grande cresce exponencialmente, com os artistas ganhando destaque nas grandes mídias e participando de eventos de grande porte na cidade, culminando no Encontro Nacional RapRepente. (CARVALHO; RODRIGUES; SANTOS; LIMA, 2023, p. 19)

Em 2008 surgem as primeiras batalhas de MCs na cidade de Campina Grande – sendo a Batalha do Obelisco a pioneira na cidade – e que após esse período passaram a acontecer, em sua maioria, atreladas a eventos relacionados ao Hip Hop. As batalhas de rimas só retornariam a ativa com frequência em 2017 com o retorno da Batalha do Obelisco (CARVALHO; RODRIGUES, SANTOS; LIMA, 2023, p. 23). A partir do retorno da Batalha do Obelisco, novas batalhas surgiram em Campina Grande. Hoje existem sete batalhas ativas em Campina Grande sendo elas a Batalha Sem Lei, a Batalha das Quebradas, a Batalha do Bacurau, a Batalha da Liberdade, a Batalha do Pedregal, a Batalha da Pirâmide e a Batalha da Oeste.

No dia 17 de julho de 2023, vários representantes do movimento cultural Hip Hop realizaram uma marcha em Brasília reivindicando o registro do Hip Hop Brasileiro como Patrimônio Cultural do Brasil. A reivindicação realizada pelo movimento está embasada em inventários criados para melhor identificação dos participantes da cultura em cada estado brasileiro.

Ao final deste capítulo, busquei situar de maneira breve a diferença entre o rap e o Hip Hop. O Hip Hop é o movimento cultural que teve seu início no final da década de 60 e que se manifesta através dos quatro elementos principais: o Grafite, o Break, o DJ e o MC. Já o rap é um gênero musical produzido através da junção de dois elementos do movimento cultural Hip Hop: o MC e o DJ.

<sup>36</sup> Informações contidas no “Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Paraibano”.

<sup>37</sup> Não possui o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

O movimento cultural teve um grande impacto na sociedade da época e se difundiu através dos seus elementos por todo o mundo, principalmente através do rap. No Brasil não foi diferente, o rap contribuiu de forma significativa para a difusão do movimento cultural em todo país. Porém não só o rap foi responsável pela difusão da cultura como também o Break Dance, que se tornou um dos primeiros elementos a se fazer presente nas regiões abordadas.

## **CAPÍTULO 3 – HIP HOP NAS ESCOLAS: O RAP COMO MÉTODO DE ENSINO DE HISTÓRIA E COMO FORMA DE REPRESENTATIVIDADE NEGRA**

### **3.1 – Das ruas à sala de aula: O projeto Hip Hop nas Escolas da Batalha do Prado**

Em 2017, houve o nascimento da Batalha do Prado. A Batalha se localizava na rua Curemas II, no bairro do Catolé em Campina Grande. Durante seu período de atividade a Batalha se tornou bastante famosa por sua frequência assídua e também por contar com o Slam, sendo a primeira batalha da Paraíba a inserir a modalidade. A maioria de suas edições ocorriam no Parque Tobias di Pace, próximo ao Shopping Luiza Motta, porém a batalha contou com algumas edições fora do local de costume como a edição realizada na Universidade Estadual da Paraíba, que recebeu o nome de Batalha dos Feras, a edição de comemoração de um ano de existência – Baile do Prado – realizada na Estação Velha<sup>38</sup>, a edição realizada junto com Feira Literária de Campina Grande (FLIC) e o Baile do Prado edição de 5 anos, realizada no Cine Teatro São José<sup>39</sup>, que também foi a festa de encerramento da batalha.

Durante seus 5 anos de atividade, a Batalha do Prado acabou por se tornar uma referência em batalha de rimas na cidade de Campina Grande. Sendo uma referência, surgiu o primeiro convite de uma escola pública para levar um pouco da batalha para dentro do ambiente escolar em 15 de junho de 2019, a escola em questão é a E.E.E.F.M. Sen. Argemiro de Figueiredo (Polivalente) localizada no bairro do Catolé próxima ao local onde se era realizado a Batalha do Prado. Como eu estava no curso de Licenciatura em História, os organizadores da batalha me convidaram para comparecer à intervenção para que eu pudesse explicar um pouco mais sobre a história do movimento Hip Hop e de como funcionava as batalhas de rimas.

Neste primeiro encontro também foi realizada uma pequena batalha de rimas entre a minha pessoa e o MC Magno. O segundo convite veio através do professor Kleber Brito, fomos convidados a comparecer na ECIT – José Braz do Rêgo<sup>40</sup> no município de Boqueirão. A visita foi realizada no dia 22 de novembro de 2019 e contou com a presença dos organizadores L7, Júlio Cesar e dos MCs Zero<sup>41</sup>, Chuck<sup>42</sup>, Magno e a minha presença (Imagem 3). A primeiro momento foi realizada uma explanação

---

<sup>38</sup> R. Benjamin Constant, S/N - Centro, Campina Grande – PB, 58410-003.

<sup>39</sup> R. Lino Gomes da Silva - São José, Campina Grande - PB, 58400-360

<sup>40</sup> Av. Nossa Senhora do Desterro - Centro, Boqueirão - PB, 58450-000.

<sup>41</sup> Nome artístico do MC e Poeta Pedro Araújo do Rêgo.

<sup>42</sup> Nome artístico do cantor e compositor Thiago Juvino Pereira Silva.

sobre a história do Hip Hop e sobre a ligação do rap com a cultura africana, em um segundo momento foi realizado o Slam com os poetas Zero e Magno e num terceiro e último momento foi realizada a batalha de rimas entre os MCs presentes.

Embora contasse com outras atividades, a nossa chegada chamou a atenção de todos os alunos ali presentes. Desde o momento explicativo sobre a cultura de rua à batalha de rimas, os alunos prestaram atenção e participaram da intervenção, alguns alunos chegaram a batalhar com os MCs presentes, assim como o próprio professor Kleber Brito. As batalhas entre alunos e os MCs foram gravadas e se encontram no canal do YouTube da Batalha do Prado<sup>43</sup>.

#### **Imagem 4 – Registro da visita à ECIT – José Braz do Rêgo**



Fonte: Arquivo Pessoal

O terceiro encontro ocorreu na ECI Monte Carmelo<sup>44</sup> no dia 13 de dezembro de 2019, neste dia eu não pude comparecer devido ao meu emprego, porém os registros foram feitos e postados no Instagram da Batalha do Prado<sup>45</sup> (Imagem 4) e no canal

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/ji5jyhUUYWo?si=FtZhp2LoJ1ak-0aR>>. Data de acesso: 07 de novembro de 2023

<sup>44</sup> R. Prof. Carlos Francisco Medeiros de Almeida, S/N – Bela Vista, Campina Grande - PB, 58428-158

<sup>45</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/batalhadoprado/>>.

do YouTube<sup>46</sup>. O encontro contou com um diálogo realizado entre os organizadores e os alunos sobre bullying, racismo, assédio, depressão, etc. e com a batalha de rimas, declamações do Slam e um Pocket Show.

### Imagem 5 – Registro da visita à ECI Monte Carmelo



Fonte: Instagram da Batalha do Prado

Em 2020, com o período de pandemia da Covid-19, a Batalha do Prado encerrou as atividades realizadas no Parque Tobias di Pace e consequentemente com as visitas às escolas públicas no dia 18 de março de 2020. O retorno da batalha ocorreu em 11 de dezembro de 2021 em uma edição especial feita em colaboração com a Batalha das Quebradas.

Com o retorno da Batalha do Prado, os convites às escolas retornaram e em 25 de julho de 2022 ocorreu a primeira visita no período pós pandemia ao Grupo Escolar Santo Antônio<sup>47</sup>, localizado no bairro Cuités. Esta intervenção foi realizada em contrapartida a um Edital de Auxílio Emergencial – Aldir Blanc – e contou com a participação dos três organizadores da Batalha do Prado e com a minha pessoa.

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/tYZIJd7uQIE?si=50-38GFOAdA7-2v6>>. Data de acesso: 07 de novembro de 2023.

<sup>47</sup> Av. Paris, S/N – Cuités, Campina Grande – PB, 58404-888.

Neste encontro falamos um pouco sobre a história do Hip Hop de uma forma mais descontraída, visto que se tratava de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental e desenvolvemos pequenas batalhas de rimas e de poesia com as crianças.

**Imagem 6 – Dinâmica de batalha de rimas entre as crianças do Grupo Escolar Santo Antônio**



Fonte: Arquivo cedido pela Batalha do Prado

**Imagem 7 – Momento de explicação sobre a história do movimento Hip Hop**



Fonte: Arquivo cedido pela Batalha do Prado

As crianças participaram de forma significativa das reflexões, prestaram atenção e tiraram dúvidas sobre o que é o movimento cultural Hip Hop. Este momento foi bastante importante na minha trajetória de ensino visto que eu necessitei buscar



novas formas de me expressar perante as crianças. As letras de rap com conteúdo explícito não seriam viáveis com crianças nesta faixa etária – de 7 à 10 anos – tendo em mente que várias letras tratam de assuntos complexos e poderia soar como algo confuso para elas. Foi a partir deste encontro que busquei pensar em novos meios de abordagem com o rap para futuros encontros com esta faixa etária, em específico com a criação de um Slam que pudesse dialogar com as crianças sobre o início do movimento Hip Hop. Infelizmente a ideia não pôde ser continuada devido ao encerramento das atividades da Batalha do Prado no dia 20 de novembro de 2022.

A última visita a escola realizada pela Batalha do Prado ocorreu no dia 16 de setembro de 2022 na E.E.E.F. de Aplicação<sup>48</sup>, o convite veio a partir da professora Damares Fernandes para uma participação na Semana de Arte da Aplicação. Nesta visita participaram o L7 e o Mano Horas, organizadores da Batalha do Prado, o MC Gblack<sup>49</sup>, a poetisa Babina<sup>50</sup>, o rapper Head Li<sup>51</sup> e com a minha presença.

De forma similar as outras visitas, o primeiro momento foi direcionado para a explicação sobre o início do movimento cultural Hip Hop e logo em seguida a explicação de como acontece as batalhas de rimas e o Slam. No segundo momento houve a declamação do Slam da poetisa Babina e do rapper Head Li, e em seguida uma sessão de Beatbox<sup>52</sup> com o MC Gblack e por fim tivemos uma breve batalha de rimas de forma demonstrativa entre a minha pessoa e o MC Gblack.

Assim como na visita realizada no Grupo Escolar Santo Antônio, os alunos participaram de forma significativa das explicações sobre o movimento Hip Hop e sobre a batalha de MCs, mas com o diferencial da utilização das poesias e letras de rap que abordavam assuntos mais complexos, pois nesta visita nós trabalhamos com as turmas do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental. Assim como na visita ocorrida na ECIT – José Braz do Rêgo, alguns alunos se dispuseram a participar da batalha de rimas e outros a participar do Slam declamando suas próprias poesias.

---

<sup>48</sup> Av. Prof. Severino Bezerra Cabral, S/N - Catolé, Campina Grande - PB, 58410-185.

<sup>49</sup> Nome artístico do Gleydson Tavares Mendes.

<sup>50</sup> Não possui o nome completo do artista e normalmente é conhecido por este pseudônimo.

<sup>51</sup> Nome artístico do cantor e compositor Iremar de Oliveira Lira.

<sup>52</sup> A palavra vem do inglês e significa “Caixa de Batida”, é a arte de reproduzir sons de baterias e efeitos eletrônicos através da voz, boca e nariz.

**Imagem 8 – Registro da batalha de rima entre os alunos na Escola Aplicação**



Fonte: Arquivo Pessoal

**Imagem 9 – A poetisa Babina declamando o seu Slam**



Fonte: Arquivo Pessoal

### 3.2 – Os primeiros contatos com os alunos da Escola Cidadã Integral Solon de Lucena

Matriculado na disciplina de Prática de Ensino de História na Escola de 1º e 2º Graus, realizei o meu primeiro estágio em sala de aula e que contou com duas aulas de observação e oito aulas de regência. As aulas foram ministradas na Escola Cidadã Integral Solon de Lucena (Imagem 10), localizada próxima ao Centro de Campina Grande e foram acompanhadas pelo atual professor de História da escola, o Rafael da Silva Abreu.

**Imagem 10 – Escola Cidadã Integral Solon de Lucena**



Fonte: Google

A Escola havia sido a terceira em que eu tinha tentado estágio, a primeira foi o Colégio Estadual da Palmeira<sup>53</sup>, porém ao chegar ao local me deparei com uma reforma que estava acontecendo, fazendo com que as aulas do colégio ocorressem

---

<sup>53</sup> R. 15 de Novembro, S/N – Palmeira, Campina Grande – PB, 58401-075

de forma virtual o que não seria interessante para o estágio. A outra instituição em que tentei estágio foi o Instituto Federal da Paraíba – IFPB onde conversei com um dos professores de História para tentar o estágio, ele solicitou que eu mandasse uma mensagem para o seu número de contato, porém ao mandar a mensagem não recebi nenhum retorno. Após as duas tentativas sem sucesso, tentei na ECI Solon de Lucena por ser localizada próxima aonde eu moro em Campina Grande.

Chegando pela manhã na Escola, fui recebido pelo porteiro e logo entrei em contato com a diretora da Escola, a Gabrielle Dantas, que me encaminhou para a Sala da Coordenação Pedagógica. Ao falar com o coordenador pedagógico José Hélio, o coordenador me encaminhou para a sala em que o professor Rafael da Silva Abreu estava lecionando no momento. O coordenador José Hélio me introduziu ao professor e me mostrou os horários das aulas de História em relação as turmas do 9º Ano ao 3º Ano do Ensino Médio. Como fora recomendado pelo docente da disciplina Prática de Ensino de História na Escola de 1º e 2º Graus, escolhi horários de aulas conjuntas pois assim conseguiria realizar o estágio de forma mais rápida.

As aulas foram ministradas para uma turma Segundo Ano “A” do Ensino Médio e que contava com quinze alunos matriculados, porém apenas treze deles frequentavam as aulas. O estágio ocorria às quartas-feiras, eram duas aulas consecutivas e ambas eram as duas últimas aulas do dia para os alunos, o que por muitas vezes os deixava um pouco mais agitados nos minutos finais das aulas.

A turma era boa, conseguiam prestar atenção nos assuntos ministrados e participavam de forma recorrente da aula, exceto por um aluno, que para preservar sua identidade chamarei de “João”, que sempre ficava cabisbaixo durante as aulas. As primeiras duas aulas de observação já me chamaram a atenção pela didática do professor Rafael e pela participação dos alunos, a aula era sobre Revolução Francesa e o professor se utilizou de Slides para ministrar a aula. As comparações com o meu tempo de escola logo surgiram, o professor abordava sobre como as mulheres estavam inseridas na Revolução Francesa e buscava sempre fazer este movimento de quebra em relação à “grandes heróis” e nomes famosos da época, diferente das aulas que tive em que este tipo de tema era, várias vezes, ofuscada pelos professores. Como as aulas de História eram as últimas dos alunos naquele dia, o professor acabou não finalizando por completo o assunto, mas conseguiu ministrar boa parte dele. Após os momentos de observação, as próximas aulas seriam ministradas pela minha pessoa e o professor Rafael solicitou o início do assunto Era Napoleônica. Aproveitei

o fato da aula sobre Revolução Francesa não ter sido finalizada por completo e inseri nas minhas duas aulas o assunto que faltava referente ao tema e iniciei o tema principal da aula daquele dia.

Ao observar as aulas do Rafael, no primeiro dia de estágio, uma coisa não tinha saído da minha cabeça: a vontade de fazer o João participar da aula. Como os alunos tinham em média 15 a 16 anos de idade, tentei trazer para o segundo encontro – através dos Slides construídos para a aula – algo um pouco mais perto do cotidiano dos estudantes, a música.

Ministrando a aula sobre a Era Napoleônica, aproveitei a ponte com o Museu do Louvre e trouxe para eles cenas do clipe musical “Apehit”<sup>54</sup> da dupla The Carters<sup>55</sup>, que alugaram o Museu do Louvre para a gravação do seu vídeo clipe e que em vários momentos a dupla passa por quadros e esculturas famosas do museu. Um dos quadros observados no clipe e trabalhado em sala de aula foi o quadro “A Coroação de Napoleão”, do artista Jacques-Louis David. Com este quadro busquei trabalhar com os alunos sobre a simbologia presente na pintura, correlacionando com o clipe. Embora tivesse feito este esforço para tentar chamar a atenção do João, o aluno continuou cabisbaixo durante toda a aula enquanto o resto da turma participava e tirava suas dúvidas.

O terceiro encontro precedia o feriado de 7 de setembro e o professor havia combinado comigo para que eu ministrasse uma aula referente ao período joanino e ao processo de independência do Brasil. Neste terceiro encontro trabalhei com Slides novamente, mas desta vez sem utilizar-se da música. Após ministrar a aula, resolvi realizar uma atividade de análise de quadros dialogando com a turma para tentar novamente chamar a atenção do João e ver se ele se dispunha a tentar interpretar os quadros utilizados.

O primeiro quadro a ser interpretado em sala foi “Independência ou Morte” do Pedro Américo e o segundo quadro foi “Proclamação da Independência” do François-René Moreaux. A proposta era dialogar em conjunto com os alunos, após a explicação do assunto, e tentar encontrar nas pinturas elementos que não condiziam com o contexto histórico da época. Mais uma vez a minha tentativa falhou em relação ao João, o aluno não participava das explicações e quando se era realizada uma

---

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kbMqWXnpXcA>>.

<sup>55</sup> Dupla formada pelo rapper Jay Z e pela cantora Beyoncé.

atividade escrita ele apenas abria o caderno e copiava, mas não finalizava a atividade e esperava até o último minuto para poder fechar o caderno e ir embora da sala. Ao finalizar a atividade com a turma, o professor Rafael veio conversar comigo sobre o próximo encontro e pediu para que fosse realizada uma atividade de revisão pois a turma estava adiantada em relação ao Segundo Ano “B”.

No quarto encontro elaborei a atividade de revisão abordando os assuntos Revolução Francesa, Era Napoleônica, Período Joanino e Independência do Brasil. Desta vez a atividade constava com a realização de atividade escrita e com uma questão especial. A questão especial era uma análise de quadro e desta vez se referia à pintura “A Coroação de Napoleão” já abordada em sala de aula através do clipe da dupla The Carters. Para a questão especial eu realizei uma dinâmica em que havia uma caixa de chocolates com o número limitado de doces dentro, quem respondesse à questão deveria se dirigir a mim para a correção, se estivesse correto o aluno escolheria o chocolate a sua preferência e não deveria repassar a resposta para os outros colegas. A partir desta atividade o João finalmente expressou uma vontade de participar da dinâmica e tentou responder à questão com o incentivo dos outros alunos em sala de aula.

Embora ele tenha se esforçado para finalizar a questão, ele e mais dois alunos não conseguiram pegar o chocolate a tempo. Prometi trazer os chocolates que faltaram para aqueles que não conseguiram entregar a atividade a tempo com a condição de que realizassem a atividade em casa e trouxessem para a correção no último encontro. Por estarem avançados em relação a outra turma, solicitei ao professor para ministrar uma aula sobre representatividade negra e história do Brasil através das letras de rap, o professor concedeu a aula e então comecei a elaborar as atividades referentes ao último encontro.

### **3.3 O rap como método de ensino de História e como símbolo de representatividade**

Após as experiências obtidas através das intervenções escolares realizadas pela Batalha do Prado e das aulas ministradas no Solon de Lucena, decidi levar para sala de aula algumas letras de rap que trabalhassem a história do povo preto e também que falassem sobre a representatividade dentro da sala de aula. Esta decisão veio a partir de dois fatores importantes, o primeiro seria pela busca da representatividade dentro da sala de aula visto que enquanto aluno do Ensino

Fundamental e Ensino Médio eu não tive tanto contato com figuras representativas, e o segundo fator seria a quebra do método pedagógico tradicional dentro de sala de aula, buscando fazer com que os alunos reflitam sobre o que está sendo abordado e não se detenham a memorizar o conteúdo, pois segundo Freire:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 1987, p. 33)

O último encontro com a turma ocorreu no dia 20 de setembro de 2023 e ao chegar na sala de aula os três alunos que não haviam recebido chocolate vieram até mim para entregar a atividade que foi solicitada para ser finalizada em casa. Esta pequena vitória com o aluno João me motivou ainda mais a prosseguir com a aula referente ao rap. A música, assim como filmes e fotografias têm um valor importante para o ensino de História dentro da sala de aula, visto que tais materiais podem carregar e ilustrar alguns acontecimentos históricos.

A utilização da música no ensino de História tem procurado atender a busca dos professores por recursos metodológicos e pedagógicos com maior proximidade ao cotidiano dos estudantes, percebemos que não é por acaso que fotografias, filmes, músicas e muitas outras linguagens são requisitadas na tentativa de ilustrar os acontecimentos históricos nas aulas. (MARTINS, 2005, p. 14).

O primeiro rap a ser utilizado no último encontro com o Segundo Ano foi a música “Pedagoginga” do Thiago Elniño em parceria com o rapper carioca Sant. O clipe foi exibido aos alunos e realizamos uma análise da letra. A música traz diversos assuntos relacionados a história, a sala de aula e sobre a representatividade na escola, sendo escrita em forma de *Storytelling*<sup>56</sup>. A música inicia abordando temas como religião e sobre a escravidão ocorrida no Brasil.

Orumila jogou os búzios para ver  
Que futuro ia ter a ave que enfrentou o Oxossi  
Índio guerreiro que era justo, que era forte

---

<sup>56</sup> A palavra vem do inglês e significa “Narrativa”. O Storytelling é um dos métodos de escrita utilizada pelos rappers e que consiste na criação de uma letra musical voltada para a narração de uma história, seja ela fictícia ou real.

Que pra defender o povo tinha apenas uma flecha em sua posse  
 E que mostrou que o impossível não era improvável  
 E o que não era tranquilo se fez favorável  
 E uma hora cês vão ver o inevitável  
 Nossa fé é imensurável e transforma dor em motivação  
 Pra superação, tanta humilhação  
 Atravessar o oceano para trampar na sua plantação  
 Café, algodão, cana, escravidão  
 Alforriaram o nosso corpo, mas deixaram as mentes na prisão  
 Não! Abre logo a porra do cofre  
 Não tô falando de dinheiro, eu falo de conhecimento  
 Eu não quero mais estudar na sua escola  
 Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro  
 Me alimento da sabedoria de entidades de terreiro  
 Sou guerreiro da falange de Ogum, zum zum zum<sup>57</sup>

Além destes assuntos abordados acima, o Thiago Elniño aborda sobre o racismo enfrentado dentro da escola, visto que a escola é uma instituição que pode ser reprodutora do racismo.

Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido. Mas que fique a ressalva já feita: a estrutura social é constituída por inúmeros conflitos – de classe, raciais, sexuais etc. –, o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito. Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. (ALMEIDA, 2019, p. 32)

Após o refrão que é feito pelo KMKZ, o Thiago volta com mais versos e desta vez apontando sua perspectiva sobre o ambiente escolar e sobre como o Hip Hop o ajudou a recuperar sua autoestima que havia sido diminuída devido ao reforço de estereótipos e de preconceitos reproduzidos dentro da escola

Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava  
 Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava  
 Ela explicava, explicava, querendo que eu  
 Criasse um interesse num mundo  
 Que não tinha nada a ver com o meu  
 Não sei se a escola aliena mais do que informa  
 Te revolta ou te conforma com as merdas que o mundo tá  
 Nem todo livro, irmão, foi feito pra livrar  
 Depende da história contada e também de quem vai contar  
 Pra mim contaram que o preto não tem vez

---

<sup>57</sup> Thiago Elniño - Pedagoginga (part. Sant e KMKZ); álbum: A Rotina do Pombo; 2017; 5 min.



E o que que o Hip-Hop fez? Veio e me disse o contrário  
 A escola sempre reforçou que eu era feio  
 O Hip-Hop veio e disse: Tu é bonito pra caralho  
 O Hip-Hop me falou de autonomia  
 Autonomia que a escola nunca me deu  
 A escola me ensinou a escolher caminhos  
 Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu<sup>58</sup>

Os versos do rapper demonstram uma perspectiva enfrentada por muitas pessoas negras em sua fase escolar, além de trazer um alerta sobre os cuidados que devemos ter com a história que nos é apresentada através dos livros didáticos. Dando continuidade à música, o rapper Sant traz uma perspectiva de um jovem que é envolvido com o crime devido a suas necessidades.

Nasceu vencendo o Apartheid no ventre  
 Vive quem sempre sabe olhar pra frente, certo?  
 Livre com toda vez áspera, conta meses a esperar  
 Pra respirar, mais um dessa diáspora  
 Com três ouvia pólvora, com quatro o pai não mais verá  
 Cinco primo preso, qual perspectiva haverá?  
 A nove do plantão disparará, opera lá  
 Mas pensa, menor de dez o juiz absolverá  
 Se envolver, era pra coroa não piorar, Deus escutará no rádio (Será?)  
 Na escola não ensinaram a orar, mas aprendeu a contar  
 E ponta é fácil, seiscentos por semana  
 Piscou tem treze agora  
 Vai comprar até kit novo e comemorar  
 Mas o silêncio na ilha diz o que se repetirá  
 Pra tua mérito-fazenda, meu verso-fagulha  
 Por que tinha só dezesseis, tem 5-8-4 na agulha.<sup>59</sup>

A utilização da letra em sala de aula e do clipe musical chamou bastante atenção dos alunos, inclusive do João que não estava cabisbaixo com a música. A letra da música também chamou a atenção de uma aluna, que para ter sua identidade preservada chamarei de “Maria”, que participava das aulas de forma mais amena, a aluna demonstrou interesse pelo clipe e pelos artistas. O segundo rap a ser trabalhado com os alunos foi a letra da música Negro Drama do grupo Racionais MCs. A versão apresentada aos alunos foi a versão ao vivo disponível no DVD “Mil Trutas Mil Tretas”, o motivo desta escolha é que em meio ao show, além de falas marcantes do Mano Brown, há também imagens de referências negras durante a apresentação do grupo. A faixa Negro Drama é carregada de críticas e representações da sociedade em que os autores estão inseridos, são feitas diversas analogias e denúncias com tom informativo para o ouvinte sobre como o povo negro chegou as circunstâncias que enfrentam na sociedade atual. Além de contar com relatos que retratam a vivência experienciada pelos autores.

As tensões das relações sociais se encarnam na linguagem rap e projetam a produção cultural como uma memória seletiva de aspectos do trabalho, da política, dos costumes, dos símbolos e valores do

<sup>58</sup> THIAGO: Pedagoginga (part. Sant e KMKZ); álbum: A Rotina do Pombo; 2017; 5 min.

<sup>59</sup> SANT: Thiago Elniño - Pedagoginga (part. Sant e KMKZ); álbum: A Rotina do Pombo; 2017; 5 min.

emaranhado que é a sociedade contemporânea. É possível pensar essas músicas como portadoras de elementos constituintes das constantes mudanças sociais, como um campo de luta em que as disputas de domínio e afirmação social se fazem presentes. São representações que reconstroem (ou constroem em articulação com) elementos/acontecimentos socialmente vividos. Um processo de reconfiguração da experiência que estreita os laços entre cultura e vida social. (OLIVEIRA, 2015, p. 112)

Os primeiros versos são cantados pelo rapper Edi Rock – um dos integrantes do grupo Racionais MCs – e o rapper faz analogias e apontamentos sobre a história do povo negro no Brasil em meio a uma plateia enorme que canta a música junto ao rapper.

Nego drama  
 Entre o sucesso e a lama  
 Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama  
 Nego drama  
 Cabelo crespo e a pele escura  
 A ferida, a chaga, à procura da cura  
 [...]  
 O drama da cadeia e favela  
 Túmulo, sangue, sirene, choros e velas  
 Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia  
 Que sobrevivem em meio às honras e covardias  
 Periferias, vielas, cortiços  
 Você deve tá pensando  
 O que você tem a ver com isso?  
 Desde o início, por ouro e prata  
 Olha quem morre, então  
 Veja você quem mata  
 Recebe o mérito a farda que pratica o mal  
 Me ver pobre, preso ou morto já é cultural  
 Histórias, registros e escritos  
 Não é conto nem fábula, lenda ou mito  
 Não foi sempre dito que preto não tem vez?  
 Então olha o castelo e não  
 Foi você quem fez, cuzão<sup>60</sup>

O tom informativo é evocado no momento em que o rapper aponta que desde o início – referindo-se ao início do processo de colonização – os motivos foram a busca do ouro e da prata e afirma que basta olhar a História para entender que o povo negro vem sendo oprimido ao decorrer dos anos. A segunda parte da música foi composta pelo Mano Brown e a letra traz uma perspectiva de uma mãe negra solteira em frente as dificuldades enfrentadas em São Paulo, além de falar um pouco sobre como o rap influencia a juventude, sobre como ele se sente atrasado em relação as outras

---

<sup>60</sup> EDI ROCK: Racionais MCs - Negro Drama; álbum: Nada como um dia após o outro dia; 2002; 06:53 min.

peças e sobre a inveja que a fama pode proporcionar. Antes de iniciar a sua segunda parte, o Mano Brown pronuncia uma fala marcante para todos aqueles que estavam presentes no show:

Ó só quanto Negro Drama reunido na Zona Leste  
 Nessa tarde de noite do dia de domingo  
 Essa é pra vocês  
 [...]
   
 Descendente de escravos  
 Que não tiveram direito a indenização.<sup>61</sup>

Ao mesmo tempo em que se é realizada a fala do Mano Brown, é exibida a imagens de personalidades negras como Malcolm X, Tupac Shakur, Mike Tyson, Bob Marley, Marvin Gaye e Tim Maia. Ao fim da fala, temos o início dos versos compostos por Mano Brown:

Daria um filme  
 Uma negra e uma criança nos braços  
 Solitária na floresta de concreto e aço  
 Veja, olha outra vez o rosto na multidão  
 A multidão é um monstro sem rosto e coração  
 Hei, São Paulo, terra de arranha-céu  
 A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel  
 Família brasileira, dois contra o mundo  
 Mãe solteira de um promissor vagabundo  
 Luz, câmera e ação, gravando a cena vai  
 Um bastardo, mais um filho pardo sem pai  
 Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é  
 Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé  
 Cê disse que era bom e as favela ouviu  
 Lá também tem uísque, Red Bull, tênis Nike e fuzil  
 Admito, seu carro é bonito, é, e eu não sei fazer  
 Internet, videocassete, os carro louco  
 Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho  
 Só que tem que  
 Seu jogo é sujo e eu não me encaixo  
 Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval  
 Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal<sup>62</sup>

Enquanto a música tocava, alguns alunos cantavam os versos do Mano Brown. É notório perceber o impacto da letra nas pessoas quando Mano Brown canta, boa parte da plateia do show canta junto os versos do rapper. Em relação a outra música, esta chamou um pouco mais de atenção dos alunos devido a popularidade do grupo

<sup>61</sup> Fala de Mano Brown na música Negro Drama durante o show “Mil Trutas, Mil Tretas”.

<sup>62</sup> MANO BROWN: Racionais MCs - Negro Drama; álbum: Nada como um dia após o outro dia; 2002; 06:53 min.

Racionais MCs. Dando continuidade a letra, o rapper fala sobre como através da música ele consegue influenciar os jovens.

Problema com escola eu tenho mil, mil fita  
 Inacreditável, mas seu filho me imita  
 No meio de vocês ele é o mais esperto  
 Gíngua e fala gíria; gíria não, dialeto  
 Esse não é mais seu, oh, subiu  
 Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu  
 Nós é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?  
 Seu filho quer ser preto, ah, que ironia  
 Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?  
 Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz  
 Ei bacana, quem te fez tão bom assim?  
 O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?  
 Eu recebi seu ticket, quer dizer kit  
 De esgoto a céu aberto e parede madeirite  
 De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui  
 Você não, cê não passa quando o mar vermelho abrir  
 Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, oba  
 Aquele loco que não pode errar  
 Aquele que você odeia amar nesse instante  
 Pele parda e ouço funk  
 E de onde vem os diamante? Da lama  
 Valeu mãe, negro drama<sup>63</sup>

Ao finalizar a exposição das músicas, iniciei uma pequena sequência de slides com uma breve introdução sobre o movimento Hip Hop no Brasil e falei um pouco sobre as batalhas de rimas que aconteciam em Campina Grande. Os alunos participaram da aula expositiva e tiraram dúvidas sobre quando as batalhas ocorriam. A proposta pensada nesta aula foi de refletir como as letras de rap podem ser utilizadas como fontes de estudo, assim como foi utilizado as pinturas nas aulas anteriores. Outra proposta trabalhada em sala de aula foi de como podemos trabalhar diversas fontes para o estudo de História.

Antes de finalizar a aula, realizei uma atividade com os alunos para registrar como eles se sentiam em relação ao rap. Foram elaboradas duas perguntas: “Na sua opinião, é possível estudar a História através do rap?” e “Você sentiu representatividade através das letras abordadas em sala de aula?”. Todos os alunos presentes participaram da atividade, como se tratava de uma atividade voltada para a música e que não tinha o pretexto de certo ou errado, os alunos se dispuseram a fazer a atividade tranquilamente. Distribuí folhas de papel ofício para cada aluno presente

---

<sup>63</sup> MANO BROWN: Racionais MCs - Negro Drama; álbum: Nada como um dia após o outro dia; 2002; 06:53 min.

e solicitei para que eles respondessem e me entregassem ao final da aula. As respostas referentes a primeira pergunta variaram entre “Sim” e “Talvez”, sendo a maioria “Sim” e apenas duas respostas com “Talvez”. Quando a resposta tinha desenvolvimento geralmente se referiam a letra dos Racionais MCs. Já na segunda pergunta as respostas variam entre “Sim” e “Não”, sendo a maioria “Sim” e algumas delas com desenvolvimento.

Os alunos não se delongaram no desenvolvimento, algumas respostas referentes à segunda pergunta me chamaram a atenção como a do próprio Michael que respondeu: “Sim, pois como um cara negro eu sei o que passamos”. Outra resposta que me chamou a atenção foi a da aluna Laura que respondeu: “Sim, todo mundo se sente oprimido de alguma forma, então ver os rappers falando sobre o problema da opressão me faz sentir representada, mesmo que eu não seja oprimida pelos mesmos motivos”. Entre os quatro alunos que responderam “Não”, para a segunda pergunta, apenas uma aluna explicou o motivo. A resposta mais elaborada veio de uma aluna que chamaremos de “Joana” para preservar sua identidade: “Na maioria das vezes não, pois sempre as falas dos rappers quebram os meus princípios”.

**Imagem 11 – Registro com a turma Segundo Ano “A” da ECI Solon de Lucena**



Fonte: Arquivo Pessoal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa foi proporcionar uma reflexão sobre o uso de novas fontes dentro de sala de aula, principalmente a música, como uma possível alternativa para o Ensino de História. O rap é um estilo musical com grande potencial de ensino, visto que as letras carregam muitas críticas referentes a sociedade em que os autores das letras estão inseridos. Desde os primeiros momentos com as intervenções nas escolas em conjunto com a Batalha do Prado até o momento do estágio, percebo quanto o movimento Hip Hop pode contribuir na vida das pessoas seja nas ruas, nas periferias, nos palcos, nas batalhas de rimas, nos Slams, nas universidades ou dentro da sala de aula.

O movimento cultural Hip Hop contribuiu de forma imensurável para o meu crescimento, e a oportunidade de trabalhar-lo em sala de aula abriu um novo horizonte para se pensar a representatividade dentro da escola. Embora a Batalha do Prado tenha encerrado suas atividades em 2022, as outras batalhas em atividade na cidade continuam a realizar o projeto de intervenção com os novos atuantes do movimento principalmente através dos organizadores da Batalha do Bacurau, dos organizadores da Batalha das Quebradas e dos organizadores da Batalha do Pedregal. Estes projetos são experiências de mão dupla, pois não só os alunos aprendem como os participantes do movimento também aprendem.

As experiências obtidas nas intervenções me levaram a refletir sobre como o rap poderia ser utilizado dentro da sala para quebrar com o método de ensino tradicional, contribuindo assim para a reflexão dos assuntos abordados e não apenas uma narração de conteúdo. Em relação a representatividade negra, as letras trabalhadas em sala de aula conseguiram abarcar boa parte dos alunos mesmo que alguns não tenham se sentido representados pelas letras. Em relação a pergunta sobre se é possível o ensino de História através do rap, a maioria dos alunos consideraram possível o estudo da disciplina e os que responderam com “Talvez” não desconsideraram por completo a possibilidade.

Acredito que atingi o meu objetivo de romper com a aula tradicional e de trabalhar com o rap dentro de sala de aula de modo que os alunos se envolvessem mais com a disciplina. O fato de ter conseguido atrair a atenção do João para a aula já foi um grande passo no que se refere ao ensino de História na minha trajetória. O rap é uma fonte rica para se pensar a História, cabe também ao pedagogo analisar de

forma crítica as mensagens contidas nas letras a serem trabalhadas em sala de aula para que se possa fazer um melhor proveito da fonte utilizada.



## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. BRANDÃO, Marcelo. Movimento Hip Hop busca reconhecimento como patrimônio cultural disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/movimento-hip-hop-busca-reconhecimento-como-patrimonio-imaterial>> Acesso em: 02/11/2023

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Valmir Alcântara. De repente o rap na educação do negro: O Rap do Movimento Hip-Hop Nordeste como Prática Educativa da Juventude Negra. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

BERMAN, Marshall. Nova Iorque chamando. ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte, v. 11, n. 18, Uberlândia, Edufu/CNPq/Capes/Fapemig, jan.-jun. 2009.

CARVALHO, RODRIGUES, SANTOS, LIMA, Andreza Aryanne, Ingrid, Leandro Silva, Priscila. Inventário Participativo Cultural do Hip Hop Paraibano. Paraíba, 2023.

DUARTE, Angelina Maria Luna Tavares. A sociedade secreta dos pichadores/as e grafiteiros/as em Campina Grande- PB. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro tribo urbana ou movimento social? 17ª Ed, São Paulo: FACOM/FAAP, 2007.

LE GOFF, J. A História Nova. In: LE GOFF, J. (Dir.). A História Nova. São Paulo: M. Fontes, 1990, p. 25-64.

MARTINS, Fabio. O rap como ferramenta didática na construção de conhecimentos histórico educacionais. 54 f. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MINISTÉRIO DA CULTURA. ALVES, Mariana. Movimento realiza pedido de registro do Hip Hop como Patrimônio Cultural do Brasil. Disponível em: <<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/movimento-realiza-pedido-de-registro-do-hip-hop-como-patrimonio-cultural-do-brasil-1>> Acesso em: 02/11/2023

OLIVEIRA, Roberto Camargos de; Rap e política: percepções da vida social brasileira; 1 ed; SP; Boitempo, 2015.

PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (org.) O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, J; DOMENICH, M; CASSEANO, P. Hip Hop: a periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. *Animus: Revista interamericana de comunicação midiática / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas.* - Vol. III n 2 Santa Maria, NedMídia, 2004.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.* 1ªEd, São Paulo: Claro Enigma. 2015.